

## ATUALIZAÇÃO

*Material inserido em Fevereiro / 2018.*

### **MÉDICO DA FEDERAÇÃO DE VÔLEI QUER REGRA MAIS RÍGIDA PARA TRANSSEXUAIS**

Sucesso de Tiffany na Superliga feminina causa incômodo em técnico e atletas adversários

**Jogadora do Bauru que mudou de sexo aos 30 anos é a maior pontuadora do torneio nacional após 5 jogos.**

No momento em que a transexual Tiffany Abreu, 33, se destaca na Superliga feminina defendendo o time de Bauru, a FIVB (Federação Internacional de Vôlei) discute na próxima quarta-feira (24/01/2018) durante reunião da sua comissão médica na Suíça, a presença na modalidade de atletas que mudaram de sexo.

Neste encontro, o médico brasileiro Bruno Borges, um dos seis integrantes da junta, vai sugerir controle mais rígido e diminuição do nível de testosterona no sangue para a liberação destas atletas.

Resolução do COI (Comitê Olímpico Internacional) de 2015 diz que uma transexual não precisa fazer cirurgia de mudança de sexo para competir entre as mulheres. Só é necessário que seja constatada a presença de no máximo 10 nanomol de testosterona por litro de sangue em dois exames feitos nos últimos 12 meses antes da liberação. Também é necessário realizar um controle periódico.

"Considero o valor do COI muito elevado, e dois exames em um ano é pouco. Vou pedir algumas mudanças e isso será

discutido. Mas, ainda que aprovado, não será para agora, pois precisa também passar por aval do conselho de administração da FIVB", disse Borges à Folha.

Em nota, o COI informa que vai divulgar novas diretrizes sobre o tema e que caberá apenas à federação internacional de cada modalidade definir as regras de elegibilidade de atletas transexuais.

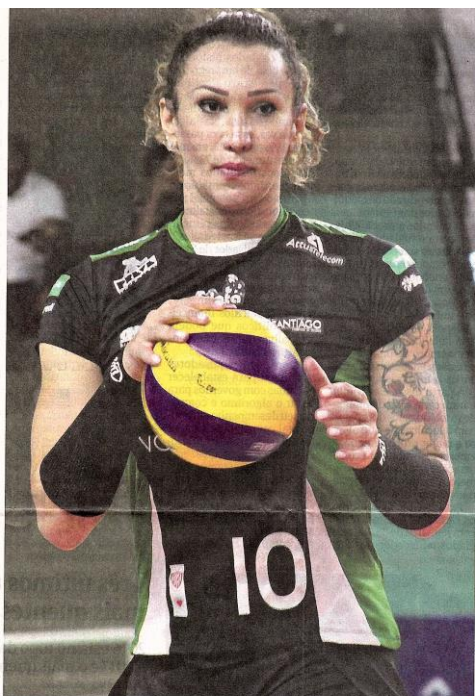
Segundo o time de Bauru, os exames de Tiffany sempre deram valores abaixo de 1, algumas vezes indicaram 0,25. Borges é um dos integrantes da comissão nacional de médicos de vôlei, órgão subordinado à CBV (Confederação Brasileira de Vôlei) que deu a liberação à Tiffany.

"A liberação é baseada estritamente na regra do COI, pois é o único parâmetro que temos. Mas ao meu ver não é só isso que deveria ser considerado", disse o médico João Grangeiro, que também faz parte da comissão.

"A FIVB está comprometida a estabelecer um sistema justo, harmonioso e transparente para a participação universal de

atletas em competições indoor e no vôlei de praia, como também em nivelar o jogo”, informou a entidade, que exige de transexuais a apresentação de documentos com o novo sexo.

O caso de Tiffany não é único no mundo, a transexual Alessia Ameri, 31, joga na segunda divisão italiana. Na Espanha, Omaira Perdomo, 18, recebeu autorização para jogar na categoria feminina.



Tiffany Abreu é a primeira atleta transexual a atuar na Superliga feminina de vôlei

“ Não acho que ela tenha uma força descomunal, fora da realidade, como estão dizendo por aí. Eu treino todo dia com ela e posso dizer isso. Claro que um ou outro ataque pode sair um pouco mais pesado

ANGÉLICA  
capitã do Vôlei Bauru, time da Tiffany

## TIFANNY

Tiffany começou sua transição de gênero em 2012, com tratamento para diminuição do nível de testosterona. O processo foi concluído em 2014, quando passou pela cirurgia de mudança de sexo.

Antes disso, tinha carreira de pouco destaque no vôlei masculino. No Brasil, ainda como Rodrigo atuou só em times da 2ª divisão nacional. Hoje, Tiffany é a maior pontuadora da Superliga feminina, com média de 23,3 pontos por jogo, à frente de Tandara, do Osasco e da seleção brasileira, que tem média de 20.

"Claro que a Tiffany mudou bastante quando optou por trocar de sexo. Mas ainda hoje, os parâmetros são muito mais perto dos de um homem do que os de uma mulher", disse Grangeiro.

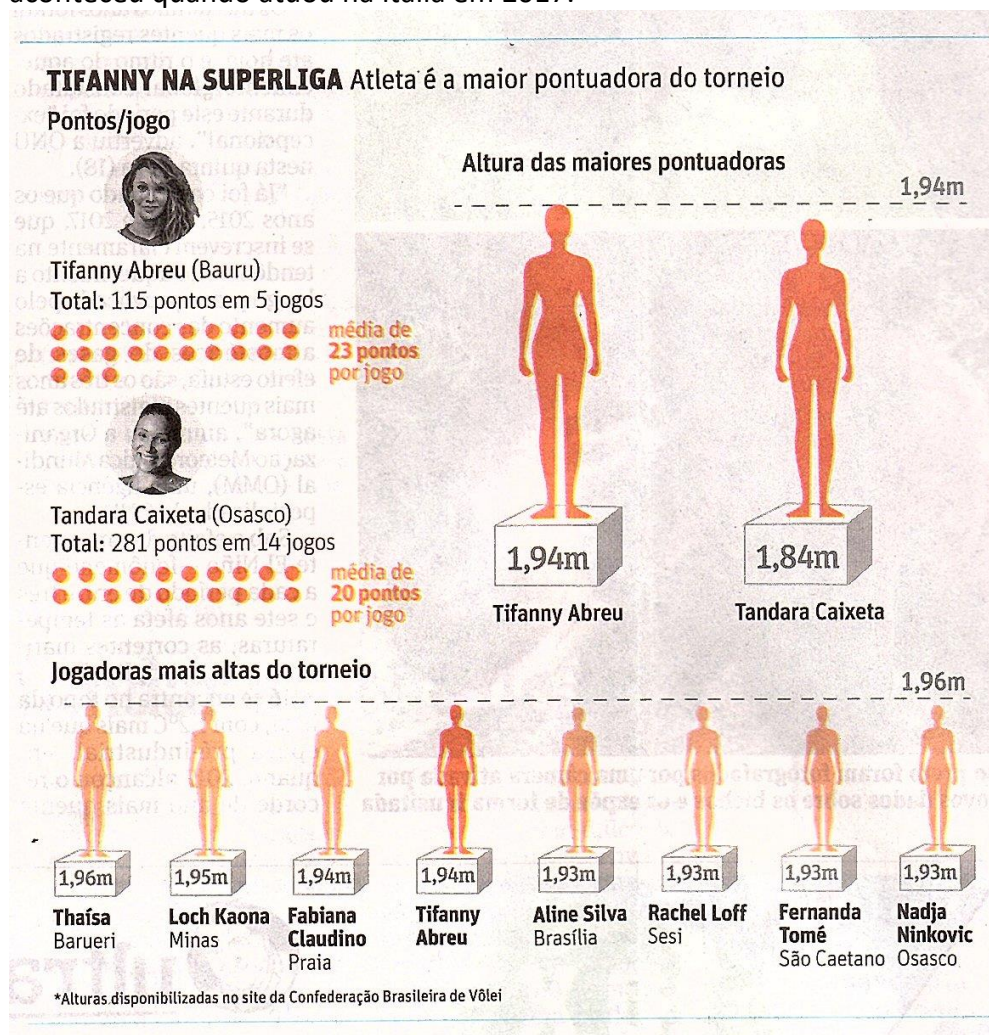
"Como a mudança ocorreu muito tarde (depois da puberdade), todo o desenvolvimento dela foi como homem. Isso envolve a parte óssea, muscular e frequência cardíaca", afirma Karen Faggioni de Marca

Seidel, membro da Sociedade Brasileira de Endocrinologia.

"Há estudos que apontam que para haver a perda desta estrutura pode levar até 15 anos", disse a médica.

O seu desempenho e a presença no torneio têm gerado insatisfação de dirigentes, técnicos e jogadoras. Situação idêntica aconteceu quando atuou na Itália em 2017.

Uma das supostas vantagens que Tiffany teria é a de ter feito a formação no vôlei em condições diferentes das outras jogadoras. A atleta de 1,94 m jogou a maior parte da carreira no masculino, cuja rede tem 2,43 m de altura. No feminino, ela fica a 2,24 m.



As atletas, por receio de se exporem e serem vítimas de ataques nas redes sociais, não estão falando sobre o tema.

"As jogadoras não estão contentes. Eu já percebi isso. Só que elas têm medo de falar. Sabem que a Tiffany ataca mais forte. Elas sentem a diferença", disse Sérgio Negrão,

técnico de Brasília, equipe que sofreu 24 pontos da jogadora em derrota por 3 sets a 1 no dia 09/01/2018.

"Ela faz diferença sim. Mas não tem muito o que falar. Ela está autorizada. É uma novidade para todos", disse Renato Tavolari, supervisor do Sesi-SP.

Afeita a entrevistas e sem problemas de falar sobre sua mudança de sexo, Tiffany optou por se calar à medida que a polêmica em torno do seu nome aumentou. Segundo a assessoria do Bauru, quer se concentrar nos treinos e jogos.

"Esta repercussão não nos surpreende em nada. Era de se esperar. Mas não estamos infringindo nenhum regulamento. Estamos muito satisfeitos, inclusive com o seu desempenho, que têm feito a diferença em prol do nosso time.", disse Livia Mayra Garcia, supervisora do Bauru.

Desde a chegada de Tiffany, o time ganhou três das cinco partidas disputadas. Antes, tinha só três vitórias com o dobro de jogos realizados.

"Não acho que ela tenha uma força descomunal, fora da realidade, como estão dizendo por aí. Eu treino todo dia com ela e posso dizer isso. Claro que um ou outro ataque mais pesado mesmo. Mas na Superliga temos atacantes semelhantes, como a Tandara e a Thaisinha, que pegam forte na bola também", disse Angélica, capitã do Bauru.

"Ela foi muito bem recebida. O que eu tinha um pouco de receio era como seria a recepção das outras torcidas. Até agora não tivemos problemas, só no jogo contra o Fluminense que teve bastante xingamento", disse a capitã.

O técnico da seleção brasileira feminina, José Roberto Guimarães, foi procurado para falar sobre Tiffany, mas não

quis se manifestar. Anteriormente, disse que poderia considerar sua convocação.

## **Treinador vai sugerir criação de liga alternativa DE SÃO PAULO**

O treinador do Brasília, Sérgio Negrão, afirmou que levará à CBV (Confederação Brasileira de Vôlei) uma proposta para a criação de uma liga alternativa voltada apenas para atletas transexuais. Ele disse que já tratou informalmente do assunto com algumas pessoas da modalidade e que fará uma proposta oficial em reunião que a entidade realiza após a final da Superliga.

"Para jogar entre os homens, a Tiffany é muito fraca. Para jogar entre as mulheres, é muito forte, e vi isso de perto. Então tenho sim essa ideia de que possam fazer uma liga alternativa aberta a todos os transexuais, inclusive com uma rede a 2,35m (altura intermediária entre o masculino e o feminino)", afirmou o treinador à Folha.

"Acredito que a Tiffany não seja o único caso que exista no Brasil. Mas como a diretrix do COI é muito ampla, abre muita brecha. Ninguém sabe o que fazer e o que isso pode se tornar. Só quero deixar bem claro que isso não tem a ver com preconceito", disse Negrão, que já foi integrante do departamento técnico da Superliga.

Bruna Benevides, secretária de articulação política da Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), discorda de Negrão. Ela é contra a criação de uma liga alternativa para transexuais, algo inédito no esporte de alto rendimento mundial.

"Pensar em uma terceira categoria remete ao Apartheid, é muito mais exclusão do que inclusão. É uma ideia que se baseia num preconceito", disse. "Neste momento, vejo toda esta discussão em torno da Tiffany muito mais como algo social do que técnico", completou.

A proposta, no entanto, já encontra simpatizantes em representantes de outras equipes da Superliga. Marina Miotto Silva, supervisora do time de São

Caetano, diz que concorda com a criação de uma liga para transexuais.

"Se outras pessoas na mesma situação da Tiffany aparecerem, o que vai acontecer?", disse, levantando um empecilho para a criação da liga.

"Acho que vai demorar para que surjam três ou quatro times de transexuais. Ninguém quer impedir ninguém de jogar."

A CBV afirmou à reportagem que "segue as regras e as categorias emanadas pela FIVB" e que "qualquer nova categoria deve ser definida por ela". A FIVB reafirmou que discutirá diretrizes para participação de transexuais no vôlei neste ano. (FA)

Fonte: Folha de São Paulo – 19/01/18 - B6